

O Hip Hop em São Gonçalo (1998-2015): da ASAC à Batalha do Tanque

Klauder Vicente
Quevedo Gonzaga¹



Hip Hop in São
Gonçalo
(1998-2015):
from ASAC to
*Batalha do
Tanque*

¹ Mestrando em História Social pela
Universidade Federal Fluminense. E-mail:
klaudergonzaga@gmail.com.

Resumo

O presente artigo e pesquisa buscam identificar alguns aspectos sobre a prática do fenômeno do Hip Hop na cidade de São Gonçalo, segunda cidade mais populosa do Rio de Janeiro, seus principais articuladores, sua relação com o poder público e com o mercado, em perspectiva local, nacional e transnacional, além de pensar as transformações do movimento neste território entre os anos 1998 e 2015.

Palavras-chave: Hip Hop; São Gonçalo; Rio de Janeiro.

Abstract

This article and research seeks to identify some aspects of the practice of the phenomenon of Hip Hop in the city of São Gonçalo, the second most populous city in Rio de Janeiro, its main articulators, its relationship with the government and the market, in a local, national perspective and transnational, in addition to thinking about the transformations of the movement in this territory between the years 1998 and 2015.

Keywords: Hip Hop; São Gonçalo; Rio de Janeiro.

Introdução

Este breve artigo busca observar aspectos do desenvolvimento do movimento Hip Hop na cidade de São Gonçalo, segunda cidade mais populosa do Rio de Janeiro, seus principais articuladores, sua relação com o poder público e com o mercado em perspectiva local, nacional e transnacional, além de pensar as transformações do movimento neste território entre os anos 1990, 2000 e 2010. Dessa forma, como podemos observar no artigo de Trícia Rose *Um estilo que ninguém segura: Política, estilo e cidade pós-industrial no Hip Hop* (1997, p. 190-213), vamos apresentar um panorama do estilo Hip Hop no contexto pós-industrial, sua relação com o estado, com a tecnologia e com a desigualdade nas grandes cidades nos anos 1980 e 1990, fazendo uma conexão entre as periferias do mundo e as periferias do Brasil e como as ideias da cultura Hip Hop foram férteis em diversas cidades neste período.

O Hip Hop é forjado sob a influência de uma série de estruturas como o racismo, o colonialismo, o imperialismo, o capitalismo, a diáspora, a indústria cultural e a modernização das grandes cidades. Ele acontece dentro de uma “estrutura da conjuntura” (SAHLINS, 2003, p. 15), nesse caso, o autor se refere ao termo como a síntese entre o evento e a longa duração, ou seja, como o período que estamos abordando é marcado por questões de outras ordens temporais e como os eventos começam a influenciar o processo de transformação dessas estruturas de durações mais extensas. Compreendemos que o fenômeno do Hip Hop, marca e é marcado por uma série de mudanças tecnológicas, políticas, de valores sociais, de processos de independência, de migração, imigração e do próprio advento da globalização, características do “presentismo” (HARTOG, 2013, p. 132).

Em alguns momentos observaremos certos elementos que marcam a permanência de ideias do regime moderno de historicidade, apesar do presentismo, o que marca a coexistência entre estes dois regimes de historicidade. Uma combinação entre tradição e modernidade que marca as estratégias de busca pela autenticidade e, ao mesmo tempo, pela inserção na cultura massiva, o que Nestor García Canclini chama de “Hibridação cultural” (CANCLINI, 1997, p. 283-350).

Apesar de tratar de uma história local, sendo o Hip Hop um fenômeno notadamente global, este artigo também busca reconhecer ferramentas e perspectivas para se pensar movimentos localizados globalmente destacando elementos endógenos e exógenos deste fenômeno, combinando abordagens comuns

à antropologia, que estudam geralmente os aspectos localizados e tem uma perspectiva descritiva às abordagens ligadas aos estudos de comunicação social, que destaca além de questões do presente, questões ligadas à globalização. Neste sentido, a perspectiva que o tema será tratado aqui é a pós-colonial, sendo está uma dentre diversas formas de pensar as ciências sociais e a história para além do local e do nacionalismo metodológico, ainda que seja recorrente a crítica a este campo, considerado excessivamente culturalista, ou que deixa de tratar questões como política e economia, buscarei me apropriar de categorias como mediação, hibridação cultural e diáspora.

A partir desta perspectiva metodológica e do objeto em si, como observa Hall em *Da diáspora: Identidades e mediações culturais* (1993, p. 35), discorrendo sobre como a perspectiva diaspórica da cultura que pode ser vista como uma subversão dos modelos culturais tradicionais orientados para a nação. Como outros processos globalizantes, a globalização cultural é desterritorializante em seus efeitos, em suas compreensões espaço-temporais impulsionadas pelas novas tecnologias, afrouxando os laços entre a cultura e o lugar.

O autor ressalta a centralidade destas questões “não apenas para seus povos, mas para as artes e culturas que produzem, onde certo sujeito imaginado está sempre em jogo” (Ibidem, 1993, p.35), por outro lado, Gilroy (2001, p. 38) ao pensar também sob o conceito de diáspora, tendo o ‘Atlântico’ como um espaço de interconexões e gerador de vínculos culturais, traz algumas ressalvas no caso específico do Hip Hop. Primeiro sobre a questão dessas ideias terem grande ênfase na tradição política e intelectual do Atlântico Norte. Neste sentido este autor em seu método utilizado em *O Atlântico Negro*, propõe um olhar também para a África, para o Caribe e para a América, a partir da ideia de navio em movimento, que nesse caso cruza as fronteiras entre o Atlântico Sul e o Atlântico Norte. Segundo sobre a questão da influência mercadológica estadunidense onde ele diz que:

Se esta perspectiva de mercado ainda guarda qualquer versão de consciência pan-africana, é aquela que define o progresso pela extensão infinita e insustentável de hábitos de consumo - e de suas distintas visões sobre a hierarquia racial - norte-americanos para todo o planeta. Isto pode ter sido urna fantasia desculpável durante o período do Black Power, do funk e do soul, mas é urna opção profundamente repulsiva na era da globalização do hip-hop e da multi-cultura corporativa (GILROY, 2001, p. 24)

Entretanto, o autor propõe, sob a ideia de diáspora, que se analise esta questão com um outro olhar que ultrapasse o limite da ideia de raça, mas que se pense essas inter-relações como formas “geopolíticas” e “geoculturais” de vida, que resultam do intercâmbio entre sistemas comunicativos e contextos, não só incorporando, mas modificando e transcendendo os seus limites (Ibdem, 2001, p. 25) impostos pela indústria cultural numa lógica transnacional, além de uma crítica formal às tradições que consideram etnia, raça e cultura como quase sinônimos.

Neste sentido, podemos pensar o Hip Hop no Brasil, não só como um indício da influência neoliberal norte-americana, mas ao mesmo tempo, um movimento que teve influência na organização de diversos movimentos sociais e políticos que articularam a juventude negra e periférica brasileira no período, em contraponto a tese do fim da história (FUKUYAMA, 1992).

O autor propõe uma reavaliação da categoria estado-nação, visto que “Nem as estruturas políticas nem as estruturas econômicas de dominação coincidem mais com as fronteiras nacionais” (GILROY, op.cit, 2001, p. 42.). Pensar o Hip Hop é pensar um fenômeno que se constrói a partir de elementos jamaicanos, porto-riquenhos, brasileiros e estadunidense. No Brasil, sua chegada se deu através do advento da MTV, de revistas especializadas e dos movimentos sociais, como influências externas e as demandas locais e características regionais, forjadas pela conjuntura política, social, econômica e geográfica, como podemos observar em algumas regiões do globo.

O Hip Hop, através do *rap*, em sua modalidade militante, muitas vezes se pronuncia contra os resultados do colonialismo, do capitalismo e do imperialismo, contando a história na visão dos oprimidos, a exemplo de Médine, na França, sendo um rapper muçulmano de origem argelina que faz fortes críticas ao pensamento xenofóbico da extrema direita daquele país, explicitando que questões referentes ao colonialismo e à independência da Argélia estão longe de serem resolvidas. Outros exemplos, são os filhos de São Tomenses (Valete), cabo-verdianos (Chullage) e o guineense Allen Halloween, radicados em Portugal, fazendo denúncias respectivamente às políticas de austeridade do governo português na crise de 2008, ao racismo institucional e à xenofobia, principalmente com os africanos e filhos de africanos residentes naquele país, que foi um dos últimos a abandonar o projeto colonial no continente africano. Além de Akala, *rapper* de origem jamaicana, nascido

em Londres, conhecido por sua poesia que denuncia as diferenças de raça e classe existente naquele país, como fruto também do passado colonial.

Em nosso caso, queremos pensar quais são as questões na região metropolitana do Rio de Janeiro, sendo São Gonçalo periferia de um grande centro que se localiza na periferia do mundo, nesse caso o Brasil. Pensar nos agentes que operam entre os limites e as perspectivas desta conjuntura, nesse caso as juventudes. Quais os motivos? Quais as suas motivações?

Pensando na questão local, observa-se que os elementos do Hip Hop tendem a ganhar características regionais, como poderemos observar o seu desenvolvimento em São Gonçalo. Esse fato se dá devido a atuação dos agentes locais em contato com as suas realidades, que pode marcar o caráter educacional de pensar o Hip Hop como uma ferramenta de transformação social, afirmando o projeto democratizador descrito por Canclini (op cit, 1997, p. 31-32), o que se caracteriza no discurso de boa parte dos agentes observados neste processo, como descrito por Silva sobre o Grafite no Rio de Janeiro:

A escritura de rua é propagada pelo mundo, preserva, entretanto, características locais das culturas dos sujeitos que a realiza, ou seja, varia o grau e a quantidade de críticas, altera os estilos, os temas (no Rio de Janeiro por exemplo, é frequente pedidos de Paz e ataques, tanto a políticos, como contra a Violência) (SILVA, 2008, p. 227)

Podemos observar também a influência da capoeira sobre a prática do *Break* no Brasil (SILVA, 2004) e a influência da música brasileira sobre a própria construção de uma série de músicas do Hip hop americano, principalmente a partir da figura de Quincy Jones, que segundo Gilroy (op. cit, 2001, p. 217), fez um esforço neste sentido, buscando produzir uma música que representasse a diáspora africana em diversas partes do mundo, sendo nesse caso, o *Rap*, o elemento mais marcado etnicamente dentre os elementos do Hip Hop, nos fazendo observar assim uma síntese entre o regime moderno de historicidade, neste caso representado na capoeira e o presentismo representado no acesso à tecnologias digitais que possibilitam a construção e a difusão da arte em uma velocidade maior se comparada ao período anterior, ampliando a noção de presente, o que altera padrões de vinculação, consumo e articulação.

Pensar a prática do Hip Hop no local São Gonçalo, suas características endógenas e seus vínculos com uma cultura estadunidense, é pensar nas

contradições do mundo atual. Um exemplo disso é o *Trap*², em que os MCs ostentam uma riqueza ou uma possibilidade de enriquecimento, mas, ao mesmo tempo, rimam nas rodas de rima que acontecem na rua e em algumas ocasiões deixam de acontecer devido a um problema com o estado. Neste caso, são contradições que talvez possam ter os mesmos motivos, como a pobreza na cidade, a falta de acesso e condições de sobrevivência, até a perspectiva de na música conseguir a mudança social ou pessoal, ainda que naquela realidade, sem uma transformação sistêmica. Assim se observa a forma como as ideias do Hip Hop estadunidense são recebidas neste contexto, em que o espaço de experiência está distante do horizonte de expectativas (KOSELLECK, 2006) e o que se “destaca” está mais vinculado aos acessos que o artista recebe nos meios de comunicação do que por um destaque no território, ainda que este território seja a primeira plataforma onde o artista possa exercer sua arte e se articular com os seus pares.

O Hip Hop no Brasil

Difícilmente seria possível estabelecer uma data para o surgimento do Hip Hop no Brasil, visto que nos Estados Unidos essa cultura demorou cerca de uma década até ganhar características próprias entre os anos de 1970 e de 1980, sendo introduzido paulatinamente em festas com outros gêneros musicais e artísticos. Aqui isso não foi diferente, de acordo com Herschmann, os anos 1990 marcaram a consolidação do Funk e do Hip Hop nos grandes centros urbanos e nas periferias do Rio de Janeiro e de São Paulo (HERSCHMANN, 1997, p. 52-85). No Rio de Janeiro, o Hip Hop, no início dos anos 1990 com a primeira coletânea de *rap* chamada “Tiro Inicial” (V.A, 1993) com músicas de *rappers* como MV Bill e Gabriel. o Pensador, as festas organizadas por Elza Cohen no bairro da Lapa, região central do Rio de Janeiro, que mobilizava DJs, MCs, B boys e Grafiteiros que ainda não se falasse em Hip Hop propriamente.

Em alguns destes registros, os grafiteiros Eco e Ema aparecem quando se trata das primeiras festas de Hip Hop, que aconteciam na Lapa, centro do Hip Hop do Rio de Janeiro (VENTURA, 2009, p. 605-634), dando o tom do cenário nas festas do “Zueira Hip Hop”, que é um marco conhecido da cena do Hip Hop Carioca.

2 Vertente do Rap caracterizada por um excesso de efeitos na voz, além da repetição de palavras.

Mas estes indivíduos já atuavam na cidade de São Gonçalo e tinham influência nela através da pichação e posteriormente dos seus grafittis e das oficinas que aconteciam em escolas e através da ASAC³ que veio funcionar como uma espécie de “posse” que dava cursos de *Graffiti* e *Break*, tendo como objetivo trazer uma perspectiva para a juventude gonçalense, vítima da realidade social e política do país em tempos neoliberais, objetivando levar cidadania aos jovens daquela cidade através da arte, não fazer uma revolução social ou uma mudança estrutural.

As posses se definem como “instrumentos utilizados pelos jovens para pleitear direitos, atingir objetivos e intervir nas relações sociais” (ANDRADE, 1999, p. 83-91). Ainda que o Hip Hop tenha chegado ao Brasil não só a partir da circulação da ideia pan-africanista ou das ideias revolucionárias resultante dos movimentos que dariam início aos processos de descolonização da África, da ideologia da Guerra Fria e dos movimentos por direitos civis dos negros norte-americanos, temos também as influências do *soul*, do *funk*, da *disco music* e também pela forte influência da indústria cultural estadunidense no Brasil através da MTV, dos filmes e das revistas em quadrinhos.

Pensando no mundo pós-guerra fria, em crise econômica, política e social, o que afetava mais violentamente os países periféricos, onde o neoliberalismo surgiu como resposta à crise do estado de bem-estar social no ocidente, em favor dos lucros das grandes empresas oriundas dos países do centro, agora instaladas na periferia do mundo globalizado. Neste mesmo momento o Brasil estava no período pós ditadura-civil-militar, ou seja, na passagem do regime moderno de historicidade para o presentismo. O Hip Hop expressa não só essa influência da cultura estadunidense sobre a juventude periférica negra brasileira, mas também o questionamento, ainda que em muitos casos de forma inconsciente, ou não direta, às teses do fim da história, tão presentes no discurso institucional, o que representa a luta por direitos, por espaço e por voz dos descendentes de escravizados, migrantes e imigrantes, nas lutas por democratização, pelo acesso a direitos sociais, pelos direitos políticos e denúncia da falta dos mesmos, além de ser uma das principais expressões artístico-culturais da juventude desde aquele período até os dias atuais. Ainda que a revolução social não esteja no horizonte das expectativas do movimento.

³ Associação Sobrados de Arte e Cultura. Também conhecida como ONG Sobrados. A partir de 2005 passou a ser chamada de Associação Solidária de Arte e Cultura.

O Hip Hop em São Gonçalo - RJ

Setores do movimento Hip Hop na cidade, já foram analisados em alguns trabalhos nos últimos anos, a exemplo de “Vitrines de Concreto na Cidade: juventude e grafite em São Gonçalo”, (ARAUJO;2008), “Cartografia Cultural do *Graffiti* em São Gonçalo – Memória dos anos 1990 aos anos 2010” (SILVA, 2019), “Roda Cultural Batalha do Tanque: a questão afetiva e identitária em uma manifestação Cultural Urbana” (SANTOS, 2018). Já este breve diálogo tem como objetivo contribuir com estes outros esforços feitos anteriormente, no sentido de avançar na síntese sobre o movimento Hip Hop na região e contemplar o maior número de agentes, coletivos, espaços e entidades possíveis ligadas à cultura Hip Hop na cidade, em uma abordagem que busca contemplar o período que vai desde os anos 1990 até os anos 2010, ainda que, com este esforço, não se consiga englobar o total do conjunto de movimentos e relações que constituem o Hip Hop na cidade.

Uma das pretensões aqui, é a partir de uma perspectiva historiográfica, observar, comparar e catalogar o maior número possível das diversas memórias e registros existentes em torno do Hip Hop na cidade, suas rupturas, continuidades e a atuação destes agentes, além da influência do mercado, do estado e da política nesta atuação.

Considerando a posição geográfica da cidade de São Gonçalo, localizada na região metropolitana do Rio de Janeiro, tendo sofrido diversas consequências da crise econômica instalada no Brasil desde o fim da ditadura-civil-militar e com a emergência das políticas neoliberais dos governos do fim dos anos 1980 e 1990, embora não seja vista como um grande polo da prática do Hip Hop nas grandes mídias, esta cidade teve no período uma cena Hip Hop pujante desde o início dos anos 1990, o que se estende até os dias atuais, revelando nomes tais como EMA, Eco, Akuma, Aila, Tigrão Big Tigger, Dom Negrone, K2, Funkero, Orochi, Azzy, Pelé Milflows, Bolinho, Kaléo e diversos outros artistas ligados às linguagens do Hip Hop.

Este cenário causou um êxodo dos seus principais representantes que de um modo geral buscavam outros locais para sobreviverem praticando o Hip Hop, como são os casos dos grafiteiros Eco, Ema e dos *MCs* Dom Negrone e Funkero, além outros nomes que já não residem lá ou constantemente fazem movimentações na

cidade, ou até nomes que residem, mas pouco movimentam a cena do Hip Hop no local.

Apesar das dificuldades econômicas, da falta de espaços públicos e privados onde se pudesse praticar o Hip Hop, além do avanço das igrejas neopentecostais (CHAVES, 2018), a cena da cidade se renovou e de certa maneira no decorrer dos anos, resistiu à falta de reconhecimento do estado, à repressão, à falta de estrutura ou apoio do mercado. O Hip Hop em São Gonçalo se desenvolveu tendo atualmente três eventos semanais em três praças diferentes da cidade, que perduram no tempo a mais de 7 anos como a Batalha do Tanque (REGIS, 2017), no bairro patronato na Praça dos Ex-combatentes, o Festival de Arte e Cultura (XYTAQUE, 2014), na Praça da Trindade e a Roda Cultural do Alcantara (RCA) (O SÃO GONÇALO, 2019). que funciona no que restou da antiga Praça Chico Mendes.

Podemos falar também em eventos anuais de Break como o SG *Cypher* e o festival Cores e Valores (PLANTÃO ENFOCO, 2017), este segundo que reúne diversos artistas, de diversas partes do Brasil, promovendo anualmente um encontro. Por fatores múltiplos, acreditamos, ter sido dos anos 1990 até os primeiros anos da década de 2000 a época em que o *Graffiti* teve mais força e atuação na cidade. Entre a metade e o final de 2000 o momento era do Break, muitos *B Boys* surgiram na cidade. Os anos 2010 tem sido até aqui o tempo em que os *MCs* têm mais destaque nesta cena. Esta preponderância em certas épocas, dentro do recorte espacial e temporal aqui estabelecido, de um elemento do Hip Hop sobre os demais, tem relação com fatores externos e ao mesmo tempo, agentes específicos, ainda que essa alternância de destaque entre os elementos no tempo não siga exatamente uma cronologia dura no passar de uma etapa para a outra. Uma das reflexões que o desenvolvimento deste trabalho nos levará é a de estabelecer uma periodização mais precisa para a questão, questão que não se encerra neste simples artigo devido à complexidade e quantidade considerável de agentes.

O Grafite

O grafite chega nos anos 1990 em São Gonçalo, tendo como seus primeiros adeptos pichadores que tiveram contato com revistas especializadas e que começaram a observar a presença dessa nova expressão artística na cultura pop. Talvez não existiria um “exército” de grafiteiros sem a figura de Fábio Ema para

“Xerocar um livro de Graffiti Alemão” e “Espalhar para todos os jovens do meu bairro” (AGÊNCIA DE NOTÍCIAS DAS FAVELAS, 2015). Fábio Ema- grafiteiro e ex-pichador- se torna figura expressiva do movimento, com frequente aparição em jornais de grande circulação na região durante a passagem dos anos 1990 para os anos 2000 (EMMANUEL, 1997, p. 12), consolidando-se na narrativa pública como a grande referência do graffiti no Rio de Janeiro. A partir da criação da ASAC, Ema passou a ser descrito pelos meios de comunicação como alguém que utilizava a expressão artística com a finalidade de formar os jovens para a cidadania e convívio social, além de trazer uma perspectiva para o mercado de trabalho. Esse movimento dos grafiteiros possibilitou o desenvolvimento de uma cena de Hip Hop pujante na cidade nesse período, sendo justificado a partir das ideias do projeto democratizador de modernidade, na imprensa e nas instituições públicas e privadas.

Nomes como Eco, Akuma, Siri e Aila surgem a partir deste movimento criado por Fábio Ema, a ASAC teve um legado que ainda influencia diversos setores do Hip Hop Gonçalense, como a organização da Roda Cultural do Alcântara e o Festival Cores e Valores. A ASAC, junto com o CLAM, foi a iniciativa do Hip Hop na cidade com a perspectiva social, de transformação e contrapartida social, na perspectiva de produzir uma consciência para além da arte. Eco e Ema são os grafiteiros que em dado período tiveram mais destaque e viajaram a outros países levando a sua arte, passando por países como Alemanha, Estados Unidos e Itália.

Eco chegou a vencer o Prêmio Hutuz, no ano de 2004, na categoria de destaque do grafite, sendo essa a principal premiação do Hip Hop brasileiro nos anos 1990 e 2000 e Ema chegou a acompanhar as bandas O Rappa e Ponto de Equilíbrio fazendo desenhos no palco em suas apresentações musicais. Ambos os grafiteiros tiveram grande influência para o desenvolvimento do graffiti e do Hip Hop, não só a nível local através da ASAC, mas também a nível estadual ao participarem das festas que aconteciam na Lapa e no Morro Santa Marta e nacional, onde se destacam dentre os principais nomes do segmento.

Atualmente, além de organizar cursos de grafite no estado do Rio de Janeiro, Ema coordenou uma galeria em Nova York, local considerado pela crítica especializada como o berço do Hip Hop no mundo, por ser o território onde foi fundada a Universal Zulu Nation, primeira entidade especializada em Hip Hop no mundo. No Brasil, a partir da ONG, criada pelo próprio, chamada Fábrica de Arte e Cidadania, ele

é responsável por um espaço onde chegou a oferecer aulas gratuitas em diversas partes do Rio de Janeiro, tais como Manguinhos, Mangueira, Salgueiro, Santa Tereza e em São Gonçalo (VENTURA, op.cit., 2009).

É importante observar o quanto a busca pelo reconhecimento e pela autenticidade acabam influenciando as trajetórias desses artistas e suas próprias relações com a cidade de São Gonçalo e este reconhecimento é um fator que pode levá-los a obterem ganhos financeiros, estes ganhos financeiros levaram a fazer algo pelas comunidades, onde pouco investimento é feito no segmento dentro deste território, sobretudo por conta do advento da influência neopentecostal nos governos gonçalenses, desde o início dos anos 2000.

Em uma de suas últimas atuações na cidade, quando Fábio Ema foi convidado pela prefeitura para implementar aulas de grafitti em escolas municipais, no ano de 2014, Ema fala do grafitti como promotor da “moral e cívica” (O GLOBO, 2014) nas escolas, além disso, as obras do artista ganharam uma exposição em uma galeria no centro do município chamada Casa das Artes.

Neste caso observa-se o caráter híbrido no discurso do principal articulador do segmento da cidade, reforçando as características dadas por Garcia Canclini para as culturas urbanas na América Latina, que além de explicitar uma tentativa de mediação, por parte do grafiteiro entre diferentes temporalidades, visto que o Grafite é uma manifestação que ganha força e legitimidade a partir dos anos 1990 no mundo. Educação Moral e Cívica era uma disciplina escolar que caracterizava a educação no período da ditadura civil-militar no Brasil, sendo a cidade de São Gonçalo governada por segmentos simpáticos a tal regime. Dessa forma, o grafite aparece como ferramenta para a consolidação de um projeto renovador, no sentido proposto por Garcia Canclini e o horizonte de expectativas de melhorar a vida das pessoas, não tendo relação com uma mudança estrutural.

Este movimento que teve seu início nos anos 1990 na cidade do Rio de Janeiro e atingiu diversas partes do estado do Rio de Janeiro, afetou diretamente os bairros Jardim Catarina e Alcântara, bairros de periferia de São Gonçalo, com altos índices de violência, poluição e criminalidade, também através de outros movimentos que vieram acontecer nos anos 2000 e 2010 como o projeto Geração na Trilha, que ampliou a atuação que antes era mais ligada ao Grafite, também ao Break e ao RAP através da Banda Prioridade Sg, composta por discípulos de Ema como o grafiteiro

Siri e o grafiteiro e MC Diprô, grafiteiros como Gal, Mutant, Alio ainda tem suas artes estampadas pelos muros da cidade. O Geração na Trilha também tinha o objetivo de formar jovens para a cidadania, para ocupar o espaço público e levar novas perspectivas alternativas às políticas do estado ou da atuação do mercado, ainda que em diversos momentos a relação entre o movimento e o estado pudesse ocorrer, a exemplo do evento “Na trilha das Praças”.

O Break

Assim como o Grafite, o *Break* também esteve presente nos primeiros anos do Hip Hop na cidade de São Gonçalo e seguiu em atuação no decorrer dos anos, tendo como principais expoentes o SG *Breakerz* (CRUZ, 2014), coletivo de dançarinos da cidade. Neste caso, os anos 2000 são marcados pela força do *Break Dance*, visto que é o momento em que a multinacional *Red Bull* organizou campeonatos mundiais de dança (DORNELLAS, 2019), o *DVD* é uma novidade nas casas das periferias do Brasil e junto a esses *DVDs* aparecem as coletâneas de *RAP* e *R&B* estadunidenses com artistas como *Justin Timberlake*, *Usher*, *Missy Eliot* que tinham a dança como elemento da sua atuação. Estas coletâneas vendidas nos camelôs do sudeste se chamavam *Video Traxx* e seguiam uma sequência numérica a cada lançamento, influenciando jovens a praticar o *Break*. Agentes como os *B boys* Pluto e Kaléo, também tem grande influência nesta ascensão do *Break Dance* na cidade. Podia-se praticar *Break* na ASAC dois dias da semana, no Geração na Trilha, outros dois dias da semana e na Lona Cultural, do Jardim Catarina, entre os anos de 2005 e 2007, podiam ter também as presenças de *B Boys* da cidade, que já tinham bagagem nacional e internacional, tais como Bolinho e Kaléo, que chegaram a participar de torneios ao redor do mundo.

O ano de 2009 marca o início do Turbilhão Hip Hop (POETA XANDU, 2010), evento mensal que visava reunir toda a cena do Hip Hop da cidade de São Gonçalo em um evento que acontecia no SESC. Com o passar do tempo, apesar do evento ter constantemente a presença dos grafiteiros, das embrionárias Batalhas de *MCs* na cidade e receber grandes nomes do *RAP* da época como Rashid, Marechal, MV Bill, Funkero e Dom Negrone, o evento ficou caracterizado pela presença dos *B Boys* que ocupavam a maior parte da quadra do SESC e acabavam chamando a atenção de *B Boys* de outras localidades do Rio de Janeiro. Um outro fator que podemos supor que

seja particular a este período é a maior interlocução entre estes elementos, por conta das associações e do Turbilhão Hip Hop, a partir de 2007, talvez este tenha sido o momento onde *B Boys*, *MCs*, *DJs* e Grafiteiros mais atuaram juntos na cidade.

Hoje São Gonçalo tem uma escola de dança chamada *AKO Dance*, instituição que organiza o evento anual *SG Cypher* e tem Pluto como uma das suas principais lideranças, muitos destes dançarinos ainda trabalham para disputar campeonatos fora do estado do Rio de Janeiro e procuram resgatar a memória e o legado deste movimento embrionário na cidade.

O Rap

Os anos 2010 são marcados pelo fim do vínculo da maioria dos praticantes do Hip Hop em São Gonçalo com a instituição SESC, ainda que de forma parcial e o retorno do Hip Hop às ruas, neste momento o fenômeno das rodas culturais ganham força no Rio de Janeiro com o desenvolvimento do CCRP⁴(ALVES, 2013) e este período é marcado também por mudanças tecnológicas e de acesso que transformaria o panorama da difusão e propagação de vídeos, músicas e acesso a qualquer conteúdo virtual, nesse período a rede social *Facebook* chega a 1 Bilhão de contas em 2012 (G1, 2012) e os sistemas *Android* e do *Iphone* já estão consolidados e de certa forma popularizados, ou seja, muda todo o sistema de organização e difusão e neste período, surgem as primeiras gravadoras especializadas em *RAP* na cidade, a exemplo de Caverna do Dragão, 360k e Hostil *Records* e as rodas de rima de *MCs* da cidade, principalmente a Batalha do Tanque e o Festival de Rap e cultura da Trindade, que começam a ter visibilidade em diversas partes do território brasileiro, com vídeos que chegaram a mais de 1 milhão de visualizações (GASPARY, 2016), soma-se isso ao fato da cidade ter os campeões estaduais e enviar os representantes das suas rodas nos anos de 2013 Naan, em 2015 Orochi, em 2016 Samurai e em 2017 Choicepara o Duelo Nacional de *MCs* (LEOCÁDIO, 2019), destacando o ano de 2016, quando dos 8 *MCs* que se classificaram para a seletiva estadual, 4 eram da cidade de São Gonçalo: Fael, Pelé, Samurai e Jhony.

Atualmente, a Batalha do Tanque segue sob a organização de Felipe Gaspary e acontece semanalmente, geralmente às quartas-feiras e, devido à sua força, nos

⁴ Circuito carioca de ritmo e poesia.

últimos 4 anos ela se transformou também em um show de Batalhas de Rimas, chamado *Tank Family*, que já se apresentou em diversas partes do Brasil, muitos dos MCs que iniciaram no evento ganharam notoriedade nacional com muitas visualizações nas plataformas virtuais. Assim como as batalhas, a exemplo de MC Orochi, aquela movimentação contribuiu para que muitos artistas tivessem inserção no mercado da música e alcançassem grandes cifras nas plataformas musicais, por outro lado a RCA (Roda Cultural do Alcantara) e o Festival de *Rap* e Cultura de São Gonçalo têm outra proposta, a primeira segue no mesmo propósito de também revelar MCs, além de recuperar o espaço perdido da Praça Chico Mendes e a segunda tem, nos últimos anos, além do foco nas Batalhas de Mcs, contribuído com a cena da poesia e do Slam⁵, organizando campeonatos de recitação de poesia que dão vagas para os circuitos nacionais.

Considerações finais

O objetivo deste trabalho é apresentar o caminho que está sendo percorrido nessa investigação em torno da cena Hip Hop na cidade de São Gonçalo, suas rupturas e continuidades nas formas de atuação, sendo mais um estudo dentre outros que giram em torno de cenas e culturas urbanas, ocupação do espaço público e a modernidade.

O Hip Hop é um tema do Tempo Presente e atinge parte da juventude de diversas partes do globo, portanto, o esforço feito aqui é para pensar o fenômeno para além da dicotomia entre a arte engajada e o mercado, sem colocar o Hip Hop como uma simples representação da revolução social ou da capitulação ao mercado cultural, ao discurso liberal, mas entender os mecanismos, as diferenças, as contradições e o comportamento do estado, do mercado, de outros setores da sociedade civil e destes agentes locais frente a estes setores da sociedade.

Dentre os diversos agentes, coletivos, eventos e trajetórias do Hip Hop da cidade de São Gonçalo, em diferentes momentos, podemos observar distintos objetivos, desde gerar perspectiva em uma realidade empobrecida, como conseguir trabalhar com arte ou alcançar um status de fama ou reconhecimento do estado e do mercado.

5 Campeonatos de poesia que acontecem no Brasil e no mundo, com destaque para poetas negros e periféricos.

Observar o Hip Hop em São Gonçalo entre as utopias e o mercado, em todos os sentidos, na busca pela modernidade, entre o projeto democratizador buscando libertação através da arte e da educação e do projeto emancipador, que significa, na visão de Nestor Canclini, um individualismo crescente podendo comparar os discursos dos grafiteiros, que começaram nos anos 1990, com os discursos dos *MCs* que ganharam notoriedade nacional e até internacional, a partir da Batalha do Tanque e os que ainda buscam se incluir neste mercado, nos mostra o quanto o fenômeno em questão, ainda que no sentido local, se mostra complexo para fazermos uma anatomia do mesmo, em somente um artigo. O que é uma tarefa quase impossível, portanto, colocar o movimento como um fenômeno totalmente contra hegemônico ou totalmente degenerado pela ideologia dominante é uma generalização e esta pesquisa caminhará no sentido de evitá-las o quanto for possível.

Ainda assim, já neste breve trabalho, pode-se perceber algumas formas de articulação e a busca por autenticidade neste movimento, especificamente neste território e as influências da estrutura da conjuntura refletindo e sendo refletidas pela movimentação de agentes locais, como o exemplo do MC Orochi, um artista que tem músicas em rádios de grande circulação e na *internet*, sendo impedido pela polícia de fazer um *show* (G1, 2015), por conta da posse de pequena quantidade de entorpecente, o *MC* foi extremamente estereotipado pela mídia tradicional, mesmo sendo um artista reconhecido, o que gerou reclamação do próprio na música “Balão”, quando diz “a mídia não me deu um troféu, quando fui campeão nacional” (OROCHI, 2015), se referindo ao título de campeão do Duelo Nacional de *MCs*, ou à luta da organização da RCA para manter o funcionamento e o caráter educacional do evento e da ocupação do espaço público, onde no ano de 2010 existiram diversas disputas com os setores neopentecostais que governaram a cidade durante quase duas décadas, existindo ainda uma preocupação na recuperação da Praça Chico Mendes enquanto aparelho público a serviço da população e da cultura local.

Outra questão a se destacar são as estratégias para inserção e manutenção nos espaços desses agentes, como quando Fábio Ema disse fazer do grafite uma nova “educação, moral e cívica” (MENDES, 2009), em alusão a uma disciplina escolar implementada no período da ditadura-civil-militar em um comentário sobre oficinas que faria em uma escola municipal.

O Hip Hop como movimento social ou cultural é uma cultura híbrida, com características tradicionais e modernas, extremamente influenciado pelas demandas locais e extremamente conectado a realidades globais, sejam elas artísticas no caso do graffiti, mercadológicas como no caso das novas realidades de organização em plataformas digitais como o *spotify* e *youtube*, da moda do vestuário e das novas tecnologias, como a forma de produzir e propagar a partir do acesso a aparelhos de computador e internet.

Em São Gonçalo, a busca por espaço e pela manutenção e continuidade do movimento ainda acontece no ano de 2019, ainda que seja um movimento que têm representantes que atingiram altos patamares de público, como no caso dos *rappers* como Funkero, Orochi, Pelé e Azzy e legitimação por parte de grafiteiros como Eco e Ema e de B Boys como Pluto e Kaléo. Junto a essa busca pela manutenção do movimento podemos observar a necessidade de afirmar os projetos democratizador e emancipador que observamos respectivamente na necessidade educacional por parte dos grafiteiros e de inserção no mercado por parte dos *rappers*, sobretudo os *rappers* dos anos 2010 e a partir destes movimentos afirmar esta legitimidade.

Podemos constatar desde os primeiros registros do movimento na cidade até os dias atuais, influências de produtos estrangeiros como revistas em quadrinhos e da *MTV* para o desenvolvimento desta cultura mundial nesta realidade regional. O movimento contrário também pode ser observado quando se constata que os grafiteiros Eco e Ema da cidade têm suas artes sendo expostas em galerias no centro do mundo, nos Estados Unidos, na Alemanha, na Itália, na França e diversos outros países do norte global ideologizado, ainda que exista uma hierarquia notória nessa relação.

Não se observa, neste caso, semelhança com os exemplos citados na primeira parte deste artigo, sobre a situação dos descendentes de colonizados que são do Hip Hop em países como França, Inglaterra e Portugal, onde o Rap é uma ferramenta utilizada, em algumas ocasiões, como denúncia direta aos resultados da colonização para estes setores da sociedade nestes países. Mas é recorrente no período analisado os problemas com a polícia, com o estado e com os políticos presentes, tanto no discurso quanto na própria arte em si de agentes do movimento na cidade, ainda que haja mediações em diversos momentos, a exemplo dos eventos

Cores e Valores e Na Trilha das Praças que aconteceram muitas vezes com apoio da prefeitura e da presença dos grafiteiros dentro das escolas municipais.

A busca pelo reconhecimento por parte da maioria e pela mudança local por alguns, marca o momento em que vivemos, onde uma transformação estrutural na sociedade não esteja no horizonte de expectativas da maioria da juventude no mundo. O Hip Hop, enquanto prática social, vai ao encontro da necessidade da juventude em acessar o espaço público, em ter reconhecimento do estado e em não ter problemas com a polícia e com os políticos, ou seja, muitas vezes no acesso à direitos básicos dentro da perspectiva do mundo liberal. A cidade pode ser pensada como uma verdadeira fonte histórica, marcada pela pichação e pelo grafite, principalmente nas praças onde semanalmente acontece as Batalhas do Tanque e da RCA, nas praças Chico Mendes e dos Ex-combatentes e na Praça do bairro Trindade, onde acontece o Festival de Rap e Cultura que também promove Batalhas de Rimas e de poesias. Além de espaços de encontro, estes espaços seguem sendo locais onde os jovens, que almejam “crescer na vida”, sobretudo, por conta da difusão das suas performances através dos vídeos que são produzidos e propagados semanalmente nestes espaços, atingindo pessoas de diversas partes do Brasil e do mundo, o que corrobora com a ideia do aumento da dimensão do presente enquanto temporalidade no movimento histórico, visto que o registro e a difusão instantânea dos acontecimentos é tão, ou mais, importante quanto ou/que o acontecimento em si.

Artigo recebido em 31 de março de 2021.

Aprovado para publicação em 22 de junho de 2021.

Referências

AGÊNCIA DE NOTÍCIAS DAS FAVELAS. Fábio Ema. *Do Graffiti ao Social*. ANF. Rio de Janeiro. 17.jul.2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rdoS5Jv2dfE&t=292s>. Acesso em: 23 jul. .2019 Youtube (11 minutos).

ALVES, Alves Gonçalves. *Rio de rimas*. Rio de Janeiro: Aeroplano Editora, 2013.

ANDRADE, E. N. A. *Hip-Hop: movimento negro juvenil*. In: _____ rap e educação, rap é educação. São Paulo: Summus, 1999. p. 83-91.

ARAÚJO, Marianna; COUTINHO, Eduardo Granja. *Hip Hop: uma batida contra hegemonia na periferia da sociedade global*. In: Anais do XXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Natal. 2008.

CANCLINI, Néstor García. *Culturas híbridas, poderes oblíquos*. In: Culturas Híbridas - estratégias para entrar e sair da modernidade. Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: EDUSP, 1997. p. 283-350.

CANCLINI, Néstor García. *Das utopias ao mercado*. In: Culturas Híbridas - estratégias para entrar e sair da modernidade. Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: EDUSP, 1997. p. 31-66.

CHAVES, Jorge. *Conheça a praça que de um lado tem obra e do outro há abandono em São Gonçalo*. Eu, Rio. 02.nov.2018. Disponível em: <https://eurio.com.br/noticia/3200/conheca-a-praca-que-de-um-lado-tem-obra-e-do-outro.html>. Acesso em: 23 jul. 2019.

CRUZ, Beatriz. *ARTISTAS DE BREAK INCENTIVAM O MOVIMENTO DE ARTE DE RUA EM RODAS CULTURAIS EM SÃO GONÇALO*. O Fluminense, Niterói, 20 e 21.Jul. 2014. p. 16-19.

DORNELAS, Luana. Red Bull BC One: *Conheça o maior evento de Breaking do mundo*. 03.jul.2019 Disponível em: <https://www.redbull.com/br-pt/breve-historia-do-red-bull-bc-one>. Acesso em: 27 jul. 2019.

EMMANUEL, Claudio. *Ex-pichador faz arte em muros*. O Fluminense. Niterói. 28.Jul. 1997, p. 12.

FUKUYAMA, Francis. *O fim da história e o último homem*. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

GASPARY, FELIPE. *Batalha entre Jhony e Orochi*. 26.fev.2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aewbRpAhnJ4>. Acesso em: 23 jul. 2019. Youtube (8 minutos).

GILROY, Paul. *O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência*. Tradução de Cid Knipel Moreira - Sao Paulo: Ed. 34; Rio de Janeiro: Universidade Candido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.

G1. *Facebook alcança 1 bilhão de usuários ativos mensais*. 04. Out. 2012. Disponível em: <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2012/10/facebook-atinge-1-bilhao-de-usuarios-ativos-mensais.html>. Acesso em: 23 jul. 2019.

HALL, Stuart. *Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais*. Liv Sovik (org); Trad. Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003.

HARTOG, François. *Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

HERSCHMANN, Micael. *Na trilha do Brasil contemporâneo*. In: _____ Abalando os anos 90: funk e hip-hop: globalização, violência e estilo cultural. Rio de Janeiro: Rocco; 1997, p. 52-85.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: PUC-RJ, 2006.

G1. *Viaduto Santa Tereza tem Duelo de MCs neste domingo*. 30. Jun. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/o-que-fazer-em-belo-horizonte/noticia/2019/06/30/viaduto-santa-tereza-tem-duelo-de-mcs-neste-domingo-em-bh.ghtml>. Acesso em: 23 jul. 2019.

BBC. *O disco de MPB esnobado em 1973 que virou cult no rap americano atual*. 26.ago.2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-45228749>. Acesso em: 22 jul. 2019.

O GLOBO. *Pioneiro do grafite, Fabio Ema coordena projeto inédito em escolas públicas de São Gonçalo*. Rio de Janeiro. 23.set.2014. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/pioneiro-do-grafite-fabio-ema-coordena-projeto-inedito-em-escolas-publicas-de-sao-goncalo-14016014>. Acesso em: 23 jul.2019.

OROCHI. *Balão*. Independente. 2019. Youtube. (4 minutos). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=L8_116bLouo. Acesso em: 26 jul.2019

PLANTÃO ENFOCO. *Festival Cores e Valores em São Gonçalo*.13.09.2017. Disponível em: <https://plantaoenfoco.com.br/cultura/festival-cores-e-valores-em-sao-goncalo/>. Acesso em: 23 jul. 2019

XANDU, Poeta. Blog Zine Zero Zero. *SESC São Gonçalo e o Turbilhão Hip Hop*. São Gonçalo. 26.nov.2010. Disponível em: <https://zinezerozero.blogspot.com/2010/11/sg-e-turbilhao-hip-hop.html>. Acesso em: 23 jul.2019.

REGIS, Romário. *A História da Batalha do Tanque*. Capítulo I.11.mai.2017. Disponível em: <https://romarioregis.com/2017/05/11/historia-da-batalha-do-tanque-capitulo-i-2011/>. Acesso em: 23 jul. 2019.

ROSE, Trícia. *Um estilo que ninguém segura: política, estilo e a cidade pós-industrial no hip-hop*. In: HERCHMANN, Micael. Abalando os anos 90, 1997. p. 190-213.

SAHLINS, Marshall. *Ilhas da História. Tradução Barbára Sette*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003. p. 15-16.

SANTOS, Guilherme. *Batalha do reconhecimento: configuração da identidade, consumo e relações com o espaço urbano através de símbolos ideológicos na Batalha do Tanque*: Dissertação de Mestrado, Niterói, UFF, 2018.

SILVA, Renata de Lima. *Mandinga da rua: a construção do corpo cênico a partir de elementos da cultura popular urbana*. Dissertação de Mestrado. Unicamp. Campinas SP: 2004.

SILVA, Willian Silva. *A trajetória do graffitti* Revista Ohun, ano 4, n.4, dez, Salvador, :2008. p. 212-231

SILVA.R.B. *Cartografia Cultural do Graffiti a partir de São Gonçalo*: Dissertação de Mestrado, Niterói, UFF, 2019.

V.A. *Tiro Inicial*, Radical Records, Rio de Janeiro. 1993. (77minutos)

VENTURA, Tereza. *Hip-hop e graffiti: uma abordagem comparativa entre o Rio de Janeiro e São Paulo*. *Análise Social*, n. 192, 2009. p. 605-634.

Sim São Gonçalo. *Cultura de Rua e o Festival de Rap e cultura de São Gonçalo*. 02.ago.2014. Disponível em: <https://simsaogoncalo.com.br/sao-goncalo/cultura-de-rua-e-o-festival-de-rap-e-cultura-de-sao-goncalo/>. Acesso em: 23 jun. 2019.